Poéticas do Deslocamento na Música Urbana de Campo Grande: uma leitura de “Enquanto este novo trem atravessa o litoral central”

Autor(res)

Emilia Alibio Oppliger
Erika Karla Barros Da Costa
Rosemary Matias

Categoria do Trabalho

Pós-Graduação

Instituição

UNIVERSIDADE ANHANGUERA - UNIDERP

Introdução

A música é um dos principais vetores de construção e representação das identidades culturais. No caso de MS, a relação entre canção popular urbana, modernização da capital e símbolos rurais evidencia tensões históricas e sociais. O chamado movimento da Música do Litoral Central, surgido entre as décadas de 1960 e 1980, transformou uma produção inicialmente marginal, contestatória e associada à contracultura, em repertório legitimado como símbolo identitário do estado. O exemplo mais emblemático é “Trem do Pantanal”, de Paulo Simões e Geraldo Roca (ROCA; SIMÕES, 1980), hoje reconhecida popularmente como “hino” do MS, embora o estado possua um hino oficial ignorado pela população. Esse percurso revela a forma como o processo de urbanização, aliado à circulação de gêneros musicais, produziu uma canção popular urbana híbrida, cosmopolita e conflituosa. Como observa Guizzo (1982), obras como Trem do Pantanal e outras músicas do movimento moderno urbano expressam simultaneamente a modernidade da capital e a permanência de símbolos rurais, criando um espaço estético de fronteira. Da mesma forma, canções como Abril, de Espíndola e Porto (ESPÍNDOLA; PORTO, 1970), e Sonhos Guaranis, de Sater e Simões (SATER; SIMÕES, 1980), revelam como a poética sul-mato-grossense dialoga tanto com tradições locais quanto com imaginários regionais e nacionais.
A análise do repertório demonstra que a “música regional” do MS não se sustenta em unidade estética, mas em contradições: rural x urbano, local x global, pecuaristas x classe média urbana, tradição x modernidade. Nesse sentido, estudos como o de Melo e Silva (1939) sobre as Fronteiras Guaranis ajudam a compreender a profundidade histórica dessas tensões, que atravessam não apenas a música, mas todo o processo de constituição identitária da região, buscando assim, compreender como a música urbana sul-mato-grossense, em especial a MLC, contribuiu tanto para a construção quanto para a desconstrução da ideia de identidade cultural.

Objetivo

Analisar o papel da Música do Litoral Central na formação da identidade cultural sul-mato-grossense, investigando as tensões entre rural e urbano, local e global, tradição e modernidade, a partir de suas canções e representações sociais.

Material e Métodos

A pesquisa é de natureza qualitativa, histórico-cultural e documental, fundamentada em bibliografia crítica (Guizzo, 1982; Melo e Silva, 1939), estudos contemporâneos sobre identidade e música popular. Foram analisadas letras de canções representativas da Música do Litoral Central, como Trem do Pantanal, Mochileira e Polca outra vez. Registros jornalísticos, entrevistas e documentos históricos, além de materiais institucionais como festivais e votações públicas. Utilizou-se análise de conteúdo com enfoque nas categorias: a) tematização do Mato Grosso do Sul; b) ausência/presença de elementos regionais; c) tensões sociais expressas nas letras; d) articulação entre globalização cultural e produção local. A escolha do repertório analisado deu-se pela relevância cultural e pela apropriação popular ao longo de quatro décadas.

Resultados e Discussão

Os resultados demonstram que a Música do Litoral Central (MLC) configurou-se como um movimento sem unidade estética ou ideológica, mas fortemente marcado pela pluralidade. Essa diversidade foi sua maior força: artistas como Geraldo Espíndola, Paulo Simões e Celito Espíndola criaram canções que dialogavam tanto com polcas paraguaias quanto com rock, Tropicália e MPB. Esse hibridismo refletiu as contradições sociais de Campo Grande: cidade em processo de urbanização acelerada, mas ainda permeada por símbolos rurais. A aceitação da MLC como identidade cultural deve-se menos à preservação de tradições locais e mais à capacidade de traduzir a experiência de deslocamento e desenraizamento da população. A persona poética de suas canções expressa figuras em trânsito, sem pertencimento fixo, como na imagem simbólica do trem. Esse imaginário ganhou poder de mobilização emocional, legitimando a música como síntese identitária. O auge desse reconhecimento ocorreu em 2001, quando Trem do Pantanal venceu a votação popular como a canção mais representativa do MS, superando o hino official, este último imposto pelas elites políticas, mas rejeitado socialmente. Tal fato evidencia que a identidade cultural não é decretada, mas construída coletivamente pela sociedade em seus processos de consumo e reconhecimento cultural. Por outro lado, a noção de “música regional” revelou-se paradoxal: embora utilizada para designar o movimento, grande parte das canções não possui traços regionais reconhecíveis. Assim, a MLC não apenas construiu uma identidade, mas também a desconstruiu, ao expor as tensões entre rural e urbano, local e transnacional, revelando os limites de se pensar a cultura sul-mato-grossense apenas por símbolos rurais.

Conclusão

A Música do Litoral Central consolidou-se como expressão singular da identidade cultural do MS, mas ao mesmo tempo problematizou o próprio conceito de identidade. Seu legado demonstra que a cultura sul-mato-grossense é marcada por deslocamentos, contradições e pela articulação constante entre o global e o local.

Referências

ESPÍNDOLA, Celito; PORTO, Antonio. Abril. [Canção]. Campo Grande: [s.n.], 1970.
FUNARTE. Prêmio Nacional de Produção Crítica em Música. Brasília: Fundação Nacional de Artes, 2012.
GUIZZO, José Octávio. Trem do Pantanal e outras músicas do movimento moderno urbano de MS. Campo Grande: Editora UFMS, 1982.

MELO E SILVA, José de. Fronteiras Guaranis. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

ROCA, Geraldo. Mochileira. [Canção]. Campo Grande: [s.n.], 1970.
SATER, Almir; SIMÕES, Paulo. Sonhos Guaranis. [Canção]. Campo Grande: [s.n.], 1980.